

467

THEATRO SELECTO BRAZILEIRO

COLLEÇÃO ESCOLHIDA DE COMEDIAS, DRAMAS  
E SCENAS COMICAS

A ORPHÃ

SCENA DRAMATICA EM VERSO

POR

F. C. VASQUES

PORTO

TYPOGRAPHIA THEATRAL

DE

PIRES FRANCO DA CUNHA

1889

MUSEU



BIBLIOTECA JENNY K. SEGALL

COLEÇÃO LOPES GONÇALVES



# A ORPHÃ

## SCENA DRAMATICA EM VERSO

---

Uma sala pobre, revelando em tudo a mais extrema miseria. A um lado uma porta, que supõe-se communicar com um quarto interior. No primeiro plano uma pequena meza, sobre ella um candieiro, cuja luz amortecida ajude a dar á decoraçãõ o aspecto triste, que se deseja.

Sobe o panno, harmonias na orchestra, ouve-se dar meia noite n'um relógio distante. A orphã, sentada junto da meza esforça-se para trabalhar n'uma costura simples; porém a dôr e a fome, que se mostram claramente em sua physionomia a impedem de realisar o seu intento; quando sôa a ultima pancada da meia noite as harmonias cessam e a orphã começa o recitativo.

Como é triste a minha vida!

Meu coração torturado

Aborrece este presente

Saudoso do seu passado.

Nos brincos de minha infancia

Quantas vezes não sorri!

Sem conhecer dissabores

Como feliz eu vivi!

Dos verdes campos a rosa,  
Do toucador a fitinha;  
Me tornavão mais contente  
Mais feliz que uma rainha.

Eu corria pelos montes,  
A' caça de um passarinho  
Parando para ouvir queixosa  
A rôla gemer no ninho.

Em bem altos arvoredos  
Sempre valente eu subia,  
Sempre risonha e cantando,  
Mesmo até quando cahia.

São as flores do passado,  
Folguedos da tenra idade;  
Nunca mais os gozarei  
Perfumes da divindade.

Folhas seccas e mirradas  
Levou-as a viração  
Só deixou ficar espinhos  
Sangrando no coração!

Como eu era tão feliz!  
Quantos prazeres gozava!  
De volta do seu trabalho  
Como meu pae me abraçava!

Quando minha santa avó  
Me ensinava a trabalhar:  
Ou então quando a seu lado  
Sempre á noite ia rezar!

Seguro pelos bracinhos  
Com meu irmão caminhava  
Ensinando-lhe a correr;  
Como alegre elle saltava!

Ditasas phases d'outr'ora  
Como é doce recordar!  
A esses tempos felizes  
Eu quizera inda voltar!

Todos mortos! Mas descancem  
A vida não me seduz;  
Eu só procuro o calvario  
Pr'a minha pezada cruz.

N'aquelle quarto sombrio,  
Ha um leito d'afflicção!  
Gemidos que d'alli partem  
Retalham-me o coração!

Minha pobre e santa mãe!  
Inda não vi soffrer tanto!  
De que te servem queixumes,  
De que te vale o meu pranto?!

Para te dar um allivio  
Ao penar que te consome  
Tua pobre e triste filha  
Não tem ouro.... só tem fome!

Arriscaste a tua vida  
Para no mundo eu entrar;  
A vida tambem eu dava  
P'ra poderes cá ficar!

Ainda hontem quiz tentar  
Dos homens a caridade,  
E quasi me vi perdida  
Pelas ruas da cidade!

Pedi pão, que tinha fome....  
Implorei também p'ra ti;  
Mas antes tal não fizesse  
Quasi d'horror eu morri!

Allivio p'rás minhas penas  
E também p'ra dar-te a vida  
Tinha tudo se eu quizesse,  
Minha innocencia vendida!

Essa flôr, que ainda me resta  
Do meu tempo tão feliz;  
Querião á fouce d'ouro,  
Cortal-a pela raiz!

Mas apesar de teus males  
E de meu rosto abatido,  
Nem de leve elles tocaram  
Nas dobras do meu vestido!

Eu dizia então comigo:  
Minha mãe na sepultura  
Ha de sempre abençoar  
Sua filha honesta e pura!

Que cruel destino meu  
Oh! que vida amarga e triste....

*(Ouve-se um gemido),*

Este gemido.... oh! meu Deus!

*(Entra rapidamente no quarto e volta depois de breve espaço. Com esforço doloroso).*

Minha mãe já não existe!!

*(Harmonias na orchestra. — Canto do Boabdil — ajoelha, erguendo as mãos):*

A orfã, de mãos erguidas,  
Pede a todo o caminhante  
Que lhe valha neste instante,  
Com uma esmola!

Sua mãe já não existe,  
E seu corpo sem jazigo  
Ficará sem ter abrigo  
Entre os mortos!

*(A harmonia cessa. Levanta-se como inspirada e diz no auge da desesperação):*

Senhores, que compraes titulos,  
Para no mundo ostentar,  
Amparae a triste orfã,  
Minha mãe quer-se enterrar.

Avaros, que vossos crimes,  
Com ouro sabeis lavar,  
Tenho fome, dai-me pão,  
Minha mãe quer-se enterrar!

Jogadores, por momentos  
Deixai as cartas parar;  
Não vedes como eu padeço?  
Minha mãe quer-se enterrar!

Filhos, que arruinaes  
Vossos paes sem hesitar,  
Um instante de demora!....  
Minha mãe quer-se enterrar!

Mulheres que nas orgias  
A vida sabeis passar,  
Esta dôr não insulteis!. . . .  
Minha mãe quer-se enterrar!

Mas que digo?! . . . . Eu inda posso  
Tantos males minorar. . . .  
Não terei um comprador? . . . .  
Minha mãe quer-se enterrar!

Aqui estou para o leilão! . . . .  
A quanto posso chegar? . . . .  
Hei de valer uma cova! . . . .  
Minha mãe quer-se enterrar!

Quanto vale o meu pudor?! . . .  
O martello vae soar . . . .  
Andem depressa, senhores,  
Minha mãe quer-se enterrar!

*(Harmonias, em delirio).*

Mas esperem... o que é isto?  
Minha mãe 'stá-me chamando...  
Vejo-a já na sepultura,  
Com sua mão me acenando!

Não sei dizer o que sinto...  
Parece que torno á vida,  
Em que já fui tão feliz!...  
Não fujas visão querida!...

Sim, é isso... é isso mesmo...  
Como é bello!.. Que prazer!...  
Os brincos da minha infancia...  
Vejo tudo apparecer!...

São as flores do passado,  
Folgedos da tenra idade...  
Para sempre vou gosar  
Perfumes da divindade!...

Oh! espera... mãe querida  
E' para mim doce ventura  
Ir gosar os teus carinhos  
No fundo da sepultura!

Eu não quero ficar só  
N'este mundo.... sem abrigo!  
Não fuja.... não me abandones....  
Espera.... vou ter contigo!! (*Morre*).

FIM

